

PFL já articula Malan para Presidência

■ Governistas avaliam ainda Covas, Tasso, Itamar, Maluf e ACM, enquanto frente de oposições tem Lula, Marta, Olívio e Garotinho

ILIMAR FRANCO

BRASÍLIA – Começou a corrida para as eleições presidenciais de 2002. Todos os partidos já têm seus pré-candidatos para garantir espaços no cenário político. O PSDB tem os governadores Mário Covas e Tasso Jereissati. O PMDB tem os governadores eleitos Itamar Franco e Jarbas Vasconcelos. O PFL tem o senador Antônio Carlos Magalhães e o PPB, o ex-governador Paulo Maluf. A oposição aposta em Luiz Inácio Lula da Silva, nos governadores eleitos Anthony Garotinho e Olívio Dutra, e na surpreendente Martha Suplicy. Semana passada surgiu um novo nome de setores do PFL, o do ministro da Fazenda, Pedro Malan, do PSDB.

Diante da disposição das esquerdas de formar uma nova frente partidária para disputar as eleições presidenciais de 2002, setores do PFL e do restante do governo articulam, ainda de forma embrionária, a preservação da aliança que sustenta o governo do presidente Fernando Henrique Cardoso. Nas conversas preliminares sobre a sucessão de Fernando Henrique, o nome do ministro da Fazenda, Pedro Malan, tem sido lembrado como o único capaz de manter o modelo econômico e garantir a sobrevivência da coligação PSDB-PFL-PPB-PMDB. “O Malan é o mais preparado dos quadros do governo”, diz o deputado José Carlos Aleluia (PFL-BA).

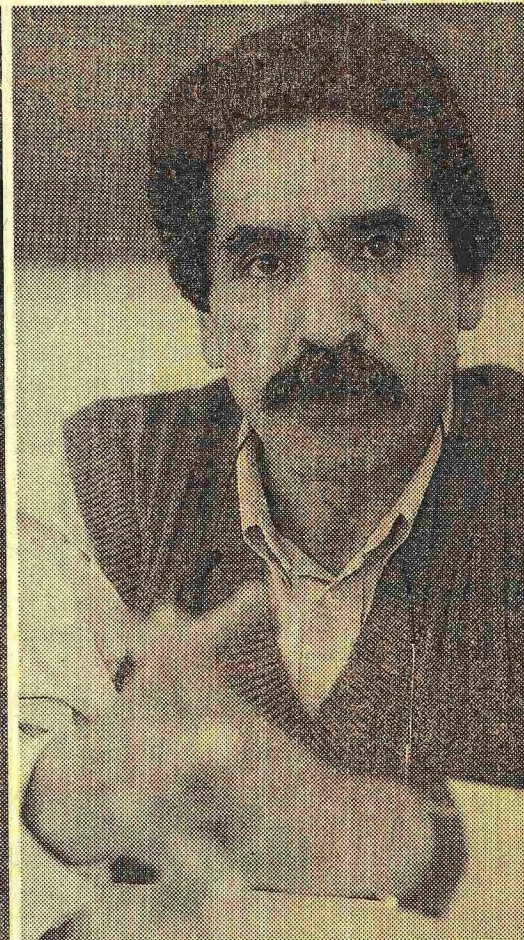
Sem um projeto muito definido desde a morte do deputado Luís Eduardo Magalhães – candidato natural à disputa de 2002 –, o PFL analisa o nome de Malan com simpatia. O ministro tem a seu favor a defesa dos ideais de mercado e o fato de não ser um tucano militante. “Se o Brasil vencer a crise, o Malan se tornará um nome muito forte em torno do qual se poderá fazer um acordo que não signifique adesão”, afirma o deputado Saulo Queiroz (MS), integrante da executiva do PFL. Malan terá a seu favor ainda o fato de os demais candidatos serem críticos da política econômica. “O modelo econômico está deserdado”, resume o senador Lúcio Alcântara (PSDB-CE).

Aliança – Todos os partidos governistas falam em projeto próprio, mas nenhum descarta aliança. “Daqui a quatro anos, se a oposição estiver forte e nenhum dos candidatos governistas tiver decolado, é possível que tenhamos um só candidato, mantendo-se a aliança para preservar o projeto do presidente Fernando Henrique”, afirma o ministro dos Transportes, Eliseu Padilha. Os defensores da alternativa Malan argumentam que sua candidatura seria uma resposta semelhante a que deu Fernando Henrique em 1994. O presidente, na época ministro da Fazenda, concluiu que tinha de ser candidato para garantir a continuidade do Plano Real. O nome do ministro não tem a

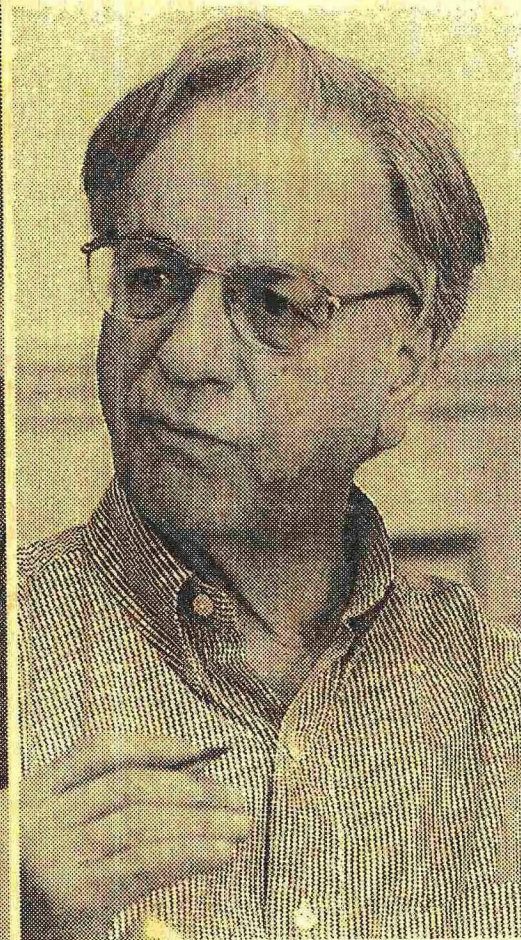
Gilberto Alves – 28/10/98



Agência Zero Hora



Paulo Nicoletta – 18/11/97



Helvio Romero – 27/10/98



Pedro Malan ganhará força se o país superar crise, enquanto candidaturas de Olívio Dutra, Itamar Franco e Mário Covas dependem de seus desempenhos no governo

mesma receptividade no PSDB e no PMDB. O candidato natural do PSDB, o governador de São Paulo, Mário Covas, não só é um crítico do PSDB como encarna o desejo do partido de assumir sozinho o comando do país. “O momento agora é do PSDB. Vamos construir uma alternativa sem a obrigação de fazer concessões como nos últimos quatro anos”, diz o líder na Câmara, deputado Aécio Neves (MG). Como a candidatura Covas depende de seu desempenho no governo de São Paulo, os tucanos têm outros nomes: o governador Tasso Jereissati e o ministro José Serra. As chances de ambos também estão associadas a seus desempenhos no governo do Ceará e na Saúde.

Itamar – Quem também traça planos para 2002 é o PMDB, que tem no governador eleito de Minas Gerais, Itamar Franco, o nome mais forte. Apesar de seu discurso de viés oposicionista, Itamar terá o apoio do partido se unificá-lo ao se redor. “Ele é candidato se tiver êxito no governo mineiro e representar a unidade partidária”, aposta o vice-líder do PMDB, deputado Henrique Eduardo Alves (RN). O partido considera como alternativa Jarbas Vasconcelos, que tem a vantagem de transitar melhor internamente.

Num quadro de várias candidaturas representando o governo, o ex-governador Paulo Maluf poderia se apresentar. “O Maluf é candidatíssimo”, diz o deputado Jorge Tadeu Mudadem (PPB-SP). Assessores de Maluf argumentam que 2002 é sua última chance e que, mesmo derrotado, fez 8 milhões de votos em São Paulo, mais

do que Ciro Gomes em todo o país.

Oposição – “A frente de partidos de esquerda veio para ficar e estamos trabalhando para formar uma frente ou federação de partidos”, adianta o presidente do PT, José Dirceu, que pretende deflagrar um debate sobre a aliança em março. José Dirceu iniciou uma aproximação com o senador Roberto Freire, do PPS, que disputou as eleições presidenciais com Ciro Gomes. “Esquerda e centro-esquerda saíram com dois candidatos e não conseguimos garantir o 2º turno. Na próxima vez temos que estar juntos”, afirma Dirceu. Apesar de derrotado em três eleições à Presidência, Lula continua sendo um forte candidato. Os petistas citam os exemplos do primeiro-ministro francês François Mitterand e do presidente chileno Salvador Allende, que também perderam três vezes antes de chegar ao poder.

Entre os petistas não faltam candidatos. A deputada Martha Suplicy, por ser mulher e representar renovação na imagem do partido, vem sendo lembrada. Sua candidatura depende de vitória nas eleições à Prefeitura de São Paulo, em 2000, e da aceitação pelos demais aliados à esquerda de um nome que colocaria a candidatura da oposição mais próxima do centro político. Afinado com Lula e representante político da média da militância petista, Olívio Dutra tem chances vinculadas ao êxito de seu governo no Rio Grande do Sul.

A unificação da frente em um partido poderia também tornar possível a candidatura de Anthony Garotinho, do PDT.